

A Era da Inovação e Modelos de Negócios Digitais no Capitalismo Contemporâneo: O Fenômeno Inovativo da Uberização

The Age of Innovation and Digital Business Models in Contemporary Capitalism: The Innovative Phenomenon of Uberization

DOI:10.34117/bjdv6n11-312

Recebimento dos originais: 20/10/2020

Aceitação para publicação: 16/11/2020

Railson Marques Garcez

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, UFMA

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária Dom Delgado

E-mail: railsongarcez.uema@gmail.com

Eduardo Mohana Silva Ferreira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, UFMA

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária Dom Delgado

E-mail: eduardomohana@hotmail.com

Enaire de Maria Sousa da Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, UFMA

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária Dom Delgado

E-mail: sousaenaire@gmail.com

Camila Alves Carvalho Lima

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, UFMA

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária Dom Delgado

E-mail: camilaalvescl@gmail.com

RESUMO

A Era da Inovação tem suscitado novas discussões acerca do potencial das inovações em reconfigurar velhas estruturas capitalistas. Busca-se compreender questões relacionados ao papel imprescindível das inovações no capitalismo contemporâneo e seus reflexos com o surgimento e a propagação de modelos de negócios digitais *aplicados*. Reflete-se, por fim, sobre o fenômeno inovativo da uberização como um modelo idealmente flexível, mas extremamente precarizante da força de trabalho.

Palavras-Chave: Inovação, Negócios, Capitalismo, Uberização.

ABSTRACT

The Innovation Age has prompted new discussions about the potential of innovations to reconfigure old capitalist structures. It seeks to understand issues related to the indispensable role of innovations in contemporary capitalism and its reflexes with the emergence and propagation of *applied* digital business models. Finally, it reflects on the innovative phenomenon of uberization as an ideally flexible but extremely precarious model of the workforce.

Keywords: Innovation, Business, Capitalism, Uberization.

1 INTRODUÇÃO

Na Era da inovação que, diariamente, interfere nos contornos da Economia, percebe-se, de forma exponencial, o delineamento de uma economia digital e global carregada, ao mesmo tempo, de muitas e grandes oportunidades, como também de complexos e difusos desafios. O mercado digital, produto da evolução das técnicas e tecnologias analógicas para as digitais, tem evidenciado transformações significativas, sobretudo quanto à geração de novos modelos de negócios apoiados em plataformas e mídias digitais.

A onda de inovações no capitalismo contemporâneo tem promovido impactos advindos principalmente pela conectividade, portabilidade e aumento extensivo da programabilidade, elementos que caracterizam esse novo formato de economia e são bases para o surgimento de novos modelos de negócios. O processo disruptivo dimanado pela Era da Inovação, nessa fase do capitalismo, tem suscitado diferentes debates acerca de pontos considerados essenciais para a manutenção do sistema capitalista enquanto modo de produção na sociedade pós-moderna. A superação dos modelos taylorista-fordista e toyotista ou de acumulação flexível, e a emergência, de um novo “modelo” mais inovativo, denominado de uberismo ou uberização, tem reforçado a lógica capitalista na sua constante busca por aumento de produtividade e competitividade.

Neste ensaio, parte-se do pressuposto de que a Era da Inovação tem dimanado novas práticas e novos modelos organizacionais, como a economia colaborativa e a economia do compartilhamento. Depreende-se também que a desregulamentação do trabalho, intensificada pelo avanço do liberalismo, torna-se determinante para a evolução e disseminação do fenômeno inovativo da uberização em diversas economias, sejam elas desenvolvidas ou em desenvolvimento.

A discussão nesse artigo concentra-se em entender o conceito de inovação e como ela tem afetado o surgimento de novos negócios que usam as plataformas digitais e as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) para operar uma lógica capitalista, aparentemente mais “colaborativa”, porém, enviesada e repleta de vicissitudes aos interesses do capitalismo informacional-digital-financeiro em relação ao trabalho (ANTUNES, 2019). Não é intento deste ensaio exaurir as discussões a respeito de tal problemática, nem apontar soluções a essa nova dinâmica, mas sobretudo, promover reflexões sobre o papel da inovação no capitalismo enquanto elemento promotor de desenvolvimento equânime e não como elemento de segregação e exploração de classes.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Segundo Zanella (2009) a metodologia “é o caminho que o pesquisador percorre em busca da compreensão da realidade, do fato, do fenômeno.” Dessa forma, o estudo em questão, classifica-se, metodologicamente, quanto aos fins como uma pesquisa exploratória e quanto aos meios como uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2017), na qual foram consultadas e analisadas obras e materiais especializados que abordam e dão subsídio para a problematização do tema em estudo.

3 O CARÁTER INDISPENSÁVEL DA INOVAÇÃO AO CAPITALISMO

A sociedade vive em uma era exponencial marcada, principalmente, pela difusão e disseminação de informação. Tudo isso em velocidade antes nunca antes vista. A propagação do receituário neoliberal somada à pressão constante do capitalismo financeiro e à competição intercapitalista, são alguns dos fatores essenciais que se apresentam como motes do sistema capitalista em retomar suas taxas de lucros e que colocam o discurso da inovação em pauta de destaque como pilar essencial para essa retomada.

O termo inovação adquiriu popularidade a partir da obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico” de Joseph Schumpeter em 1912. Segundo essa teoria, a inovação não pode se resumir a algo que é novo simplesmente, pelo contrário, na visão de Schumpeter, a inovação é um motor essencial para o desenvolvimento do sistema capitalista. Para Quijano (2007), a inovação pode ser compreendida a partir de diferentes instâncias que sejam: a introdução de novos produtos ou mudanças qualitativas nos que já existem; processos novos; novos mercados; fontes novas de suprimento e abastecimento; mudanças organizacionais.

Essa percepção alinha-se ao proposto pelo Manual de Oslo (2005), publicação da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento – OCDE, para o qual “uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas”. Assim, entende-se que essa definição mais abrangente de inovação, compreende 4 áreas básicas nas quais a inovação, ou seja, o novo, pode acontecer, seja: no produto, no processo, no marketing ou no modelo de organizacional.

Na Era da Inovação tem-se buscado inovar em diferentes frentes. Porém, um tipo de inovação tem sido pensado e executado de forma mais intensa: a inovação organizacional ou a inovação em modelos de negócios que se trata, segundo o Manual de Oslo (2005), da “implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da empresa, na organização do seu local de trabalho

ou em suas relações externas”. Percebe-se, a partir desta definição que o modelo de negócio, ou seja, uma nova forma organizacional busca apresentar-se de forma diversa do que o mercado vem praticando.

Em uma linguagem mais contemporânea e de negócios, busca-se disruptar o mercado ou caso a empresa já exista e deseja alcançar novos mercado para explorar, ela buscará pivotar o negócio, gerando um novo modelo para competir. Assim, a imprescindibilidade das inovações, principalmente as organizacionais, na dinâmica do capitalismo contemporâneo, mostra-se recorrentes para o seu processo de metamorfoses, reestruturação e ajustamento às conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais. As mudanças tecnológicas e o processo inovador, são utilizados pelo homem para impulsionar o modo de produção capitalista (KATZ, 1995).

4 NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS NA ECONOMIA DIGITAL

A abertura e a crescente globalização dos mercados, levou a uma considerável transformação das organizações, de todos os portes e variados segmentos, no que diz respeito às suas estruturas ocupacionais em um processo de disrupção que endossa a problemática do trabalho nesse século. Segundo Salama (2017) “a revolução digital transforma profundamente, nos dias de hoje, os comportamentos das empresas, seu ambiente, os modos de consumo, e modifica a estrutura dos empregos e dos salários nos ramos em que atua”. A revolução suscitada pela exponencialidade do progresso técnico para Levy (2010), nesse sentido, “é proeminente, e o digital é o meio das metamorfoses”. Os impactos, contudo, aportam em diversos segmentos e atingem tanto organizações, como a sociedade, em geral. As transformações são decorrentes, sobretudo, do inegável desenvolvimento tecnológico que aconteceu nas últimas décadas e do atual estado de inovação das organizações. Fioravante (2011) qualifica que “A inovação tecnológica, a partir da abertura comercial, passou a ser intensamente estimulada por dois motivos: primeiro, a facilidade de importar bens de capital com tecnologia mais avançada e, segundo, devido à necessidade de diminuir o custo da produção para ganhar competitividade de mercado. A importação de bens de capital gerou mudanças na demanda por mão de obra da firma, tanto em relação ao tipo de atividade exercida pelo trabalhador, quanto em relação à qualificação do trabalhador. Algumas atividades passaram a ser desnecessárias, devido à possibilidade de serem exercidas por máquinas, com maior eficiência”.

Nesse sentido, é importante destacar a relevância do desenvolvimento de novas tecnologias, sua introdução e sua implantação nas organizações para gerarem diferentes impactos, criarem e proporcionarem terreno fértil para o surgimento de diferentes modelos de negócios. Sobre eles é preciso

compreender, segundo Osterwalder (2011), que “[...] um Modelo de Negócios pode ser melhor descrito com nove componentes básicos, que mostram a lógica de como uma organização pretende gerar valor. Os nove componentes cobrem as quatro áreas principais de um negócio: clientes, oferta, infraestrutura e viabilidade financeira. O Modelo de Negócios é um esquema para a estratégia ser implementada através das estruturas organizacionais dos processos e sistemas”.

As transformações de base tecnológica, comuns e mais frequentes na Era da Inovação, levam as empresas a rever seus modelos e sistemas dos processos produtivos e de gestão adotados, bem como revisar suas estruturas e analisar os resultados da implantação continuada de inovações tecnológicas. Portanto, as empresas tem adotado, com mais intensidade, recursos e instrumentos tecnológicos para inovarem em suas ofertas ao mercado, influenciando assim não só em novas formas de organização produtiva dessas ofertas, mas também, segundo Abílio (2017), uma deterioração das relações de trabalho iniciadas há tempos.

Existe um verdadeiro aprofundamento da intensificação e uma flexibilização e precarização do trabalho, conduzidas pelo capitalismo em produzir sua riqueza a partir da amplificação do processo de exploração (PRIEB, 2005). É necessário reforçar que na mesma medida em que o aumento da digitalização implica em um aumento de inovações na área organizacional, a partir da fusão de bens e serviços, assim como podem gerar novas formas de emprego e modelos de negócios, esse progresso na digitalização dos negócios pode implicar em enormes riscos individuais e coletivos (ALMEIDA E CAGNIN, 2019).

Considerando o conjunto de transformações advindas do aumento da digitalização da economia, surgem novas práticas e modelos organizacionais. Alguns mais “libertadores”, outros nem tanto. A Economia da viração, dos bicos, ou *Gig Economy* é impulsionada pelas tecnologias digitais que viabilizam atividades sociais e econômicas por meio de transações on-line, conhecidas como *Sharing Economy*. Essa também é conhecida por economia colaborativa, economia do compartilhamento, economia de colaboração, consumo colaborativo, ou até mesmo como *uberization* (uberização). Porém, os termos, apesar de serem utilizados de forma análoga, possuem modelos de negócios diferentes.

A nova dinâmica do mercado, impactada pelas TIC's, e os novos paradigmas advindos com a Era da Inovação tem provocado alterações na relação capital-trabalho e que aliado ao um processo de desindustrialização e o expansionismo do receituário neoliberal, produzem nesse século, novos dilemas e perspectivas de mudanças estruturais no mundo do trabalho (POCHMANN, 2018).

Surgem, nesse sentido, novas práticas econômicas, ajustamentos reativos do capitalismo ao cenário de crise, como a Economia do Compartilhamento. Contudo, o que se tem com esse modelo de

negócio é uma classe trabalhadora utilizada de forma indiscriminada a partir do discurso eivado de interesses egoístas do sistema capitalista que promove com esse modelo de negócio, trabalhos mais flexíveis (SCHOLZ, 2016). A economia compartilhada (*sharing economy*) ou capitalismo de multidão (*crowd-based capitalism*), compromete a fronteira existente entre o emprego pleno e casual, entre relação de trabalho com ou sem dependência, entre trabalho e lazer, ou seja, há uma substituição de empregos integrais por outros mais flexíveis (SUNDARARAJAN, 2018).

O mito de que o emprego convencional não possui flexibilidade, reforçam a lógica do modelo de negócio ao vender o trabalho autônomo e flexível como o mais vantajoso (SCHOLZ, 2016). No entanto, o que se percebe é que em virtude dessas transformações, digitais e tecnológicas, no processo de organização do trabalho, muitas consequências recaem sobre os empregos e salários, gerando uma bipolarização dos empregos, nos setores nos quais a revolução digital avança com mais intensidade, e, sobretudo acentuado a precarização destes (SALAMA, 2017).

5 O FENÔMENO INOVATIVO DA UBERIZAÇÃO

Diante de tantas transformações e extensivo progresso técnico observável, combinado com uma expansão de práticas alternativas à crise e ao discurso da inovação para melhoria de produtividade e competitividade, surge um novo modo de produzir e operar a lógica capitalista nessa fase do sistema. É preciso compreender, segundo Pochmann (2018) que “No âmbito do verdadeiro salto tecnológico percebido, as principais alterações transcorridas no interior do padrão de competição intercapitalista têm sido protagonizadas por parte da formação de grandes corporações transnacionais em meio ao avanço da globalização neoliberal, acompanhada da transição de modelos organizacionais (taylorismo, fordismo, kalmarismo, toyotismo e outros) na produção e, por consequência, no trabalho”.

O que se observa com intensidade no cenário contemporâneo e nessa Era da Inovação e das TIC's é o uso e a depreciação mais intensa da força de trabalho. Esse novo modo de produzir e operar tem sido chamado de uberismo ou, mais usualmente, de uberização do trabalho. Trata-se de um neologismo que usa, como raiz, a denominação da empresa de serviços de transporte, UBER, para fazer referência a um novo padrão de reorganização produtiva e do trabalho. Pochmann (2016), afirma que é grande a generalização da uberização do trabalho nesse início de século, bem como o avanço de uma gama de experimentos desse “método” no espaço supranacional, porém à margem da regulação nacional de trabalho.

Slee (2017) refere-se à uberização como a nova onda do trabalho precarizado e busca desmitificar a aura de esperança com que a Economia do Compartilhamento, gênese do surgimento do

movimento “Uber” na sociedade e economia moderna, ao mostrá-la como uma experiência que esconde verdadeiras fortunas acumuladas, provoca erosão de comunidades e intensifica o trabalho tornando-o mais precarizado. O capital, estrategicamente, utiliza das tecnologias e das inovações para aproximar mais e mais áreas da vida social à sua órbita e caso não haja confrontação à essa investida o que ocorrerá é uma opressão ainda maior sobre o trabalhador (HUWS, 2017). Scholz (2016) destaca que “O crescimento dos setores de trabalho autônomo e trabalho temporário estava em andamento há décadas, mas, com a “economia do compartilhamento”, ele ganhou um impulso significativo em 2008, quando várias pessoas tiveram que procurar fontes alternativas de renda”.

As crises estruturais e o aprofundamento do padrão de exploração da força de trabalho, constitui-se numa das principais marcas do processo de desenvolvimento do sistema capitalista. Diante de novas centralidades e do novo processo de divisão internacional do trabalho “o que tem se visto, contudo, tem sido o avanço do pêndulo maior da exploração do trabalho sob novos e sofisticados mecanismos, como a terceirização e a UBERização do trabalho. (POCHMANN, 2016).

As alterações sísmicas na divisão do trabalho (HUWS, 2017) são percebidas por Antunes (2019) ao indicar que “As formas de intensificação do trabalho, a burla dos direitos, a superexploração, a vivência entre a formalidade e a informalidade, a exigência de metas, a rotinização do trabalho, o despotismo dos chefes, coordenadores e supervisores, os salários degradados, o trabalho intermitente, os assédios, os adoecimentos e as mortes indicam um forte processo de proletarização e de explosão desse novo proletariado de serviços que se expande em escala global, diversificando e ampliando a classe trabalhadora”.

Essas alterações estão associadas ao progresso técnico e ao potencial das inovações em invadir e determinar novas formatações laborais dentro desse capitalismo informacional-digital-financeiro. Evidentemente, a introdução das TIC’s não objetiva abolir o trabalho, mas, pelo contrário, discipliná-lo e barateá-lo, dando forma a um novo de tipo de fenômeno social e feição a esse trabalhador da Era da Inovação denominado de cybertariado (HUWS, 2017).

A economia do compartilhamento emerge nesse cenário como uma força global massiva conectando, a partir de pontes digitais, pessoas que oferecem e que buscam serviços, construindo assim, processos extrativos a partir das interações sociais (SCHOLZ, 2016). Tais pontes digitais se intensificam, graças à digitalização da economia e ao intenso desenvolvimento técnico, cujos fatores são principalmente: a transformação de coisas em informações, ou seja, a digitalização da informação; o crescimento exponencial do hardware, do armazenamento, da banda larga e a compactação dos

dispositivos digitais; e por fim, o aumento sustentado da programabilidade (SUNDARARAJAN, 2018).

A reconfiguração tecnológica do trabalho vem carregada consequências severas como: eliminação de funções, modelos de negócios e empresas que deixam de ser necessárias; criação de novas funções e novos modelos de negócios, a partir de novas tecnologias que agregam valor; e por fim, transformações sociais, que são reflexos diretos das consequências anteriores.

Faz-se necessário, portanto, pensar e refletir o fenômeno inovativo da uberização a partir de seus impactos sociais, na formação de uma cultura e na identidade do trabalhador nessa Era da Inovação. Pode-se também, pensar sob o espectro de um modelo que atualiza o formato de exploração da força de trabalho e assim, tem-se uma moderna precarização do trabalho que se realiza a partir de dispositivos móveis, plataformas digitais, de agendas virtuais de trabalho e de uma carga excessiva de trabalho “compartilhado”.

6 CONCLUSÃO

As inovações vistas como elementos essenciais para o desenvolvimento do sistema capitalista mostram-se, neste século, instrumentos fundamentais para a garantia da sua supremacia. A Era da Inovação e todo o conjunto de inovações tecnológicas e transformações digitais no bojo dessa onda, tem impacto as organizações e o surgimento de novos modelos de negócios, sendo negável o poder de transformação promovido pela evolução e expansão tecnológica nestas, bem como seus efeitos sobre a divisão, não só espacial, mas sobre os processos de qualificação e requalificação da força de trabalho disponível na sociedade.

A evidência, contemporânea, de fenômenos não tão empreendedores, libertadores ou permeados de intensa flexibilidade como discursiva os modelos de negócios que se utilizam do *modus operandi* denominado uberização, permitem a problematização em relação aos impactos que tais transformações digitais geram nos processos de inclusão e exclusão social.

A uberização, enquanto prática e modelo de negócio, esconde objetivos nefastos do modo de produção capitalista na sua fase de mundialização e financeirização. É necessário, portanto, refletir sobre os efeitos a curto, médio e longo prazo dessa nova prática tanto do ponto de vista social, econômico, quanto cultural e político. O compartilhamento, uma prática social antiga, é usada agora como pretexto para a fome insaciável do sistema e norteia os debates sobre modelos de negócios e o trabalho na Era da Inovação.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L.C. Uberização traz ao debate a relação entre precarização do trabalho e tecnologia. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, on-line, Rio Grande do Sul, nº503, ano XVII, 24 abr.2017. Entrevista concedida a Ricardo Machado. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao503.pdf>> Acesso em: 23.jun.2020.

ANTUNES, R. Riqueza e miséria no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida: o mosaico da exploração. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ALMEIDA, J.G.; CAGNIN, R.F (orgs). A Indústria do Futuro no Brasil e no mundo. IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, 2019.

FIORAVANTE, D. G. Efeitos da Inovação Tecnológica sobre o emprego. IN: IPEA. Impactos Tecnológicos sobre a Demanda por Trabalho no Brasil. Brasília: SAE: IPEA, 2011.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2017.

HUWS. U. A formação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real. São Paulo: Editora Unicamp, 2017.

KATZ, C. O enfoque marxista da mudança tecnológica. IN: KATZ, C.; e COGGIOLA, O. (Orgs.) Neoliberalismo ou crise do capital? São Paulo: Xamã, 1995a.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

OCDE. Manual de Oslo: Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dado sobre Inovação Tecnológica. 3ª ed. 2005

OSTERWALDER, A. Business Model Generation - Inovação em Modelos de Negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários. Rio de Janeiro, RJ : Alta Books, 2011.

POCHMANN, M. A crise capitalista e os desafios dos trabalhadores. Cadernos do CEAS, Salvador, n. 239, p. 698-712, 2016.

POCHMANN, M. Desestabilização do trabalho. Saúde Debate. Rio De Janeiro, V. 42, n. especial 3, p. 67-77, novembro 2018 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe3/0103-1104-sdeb-42-spe03-0067.pdf>.> Acesso em: 23.jun.2020.

PRIEB, S. O trabalho à beira do abismo: uma crítica marxista à tese do fim da centralidade do trabalho. Ijuí: Edit. Unijuí, 2005.

QUIJANO, J. M. Inovação e estratégias para o desenvolvimento. In: VILLARES, F. (org). Propriedade Intelectual: tensões entre o capital e a sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SALAMA, P. Novas tecnologias, uma revolução em curso, os efeitos sobre o emprego e os salários. CADERNOS DO DESENVOLVIMENTO. Rio de Janeiro, v. 13, n. 22, pp. 151-179, jan.-jun. 2017.

SCHOLZ, T. Cooperativismo de plataforma: contestando a economia do compartilhamento corporativa. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante, Autonomia Literária, 2016.

SLEE, T. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017.

SUNDARARAJAN, A. Economia compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão. São Paulo: Editora Senac, 2018.

ZANELLA, L. C. H. Metodologia de estudo e de pesquisa em administração. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009.